

ESTÁDIO DO ESPELHO E COMPLEXO DE ÉDIPLO LACANIANO

2016

Pablo Laffaet Stefanos Soares

Estudante do 7º Semestre

E-mail para contato:

pablo.laffaet@gmail.com

RESUMO

O termo Complexo de Édipo criado por Freud e inspirado na tragédia grega Édipo Rei designa o conjunto de desejos amorosos e hostis que o menino enquanto ainda criança experimenta com relação a sua mãe. O fenómeno psíquico também ocorre nas meninas com relação ao pai.

Palavras-chave: Freud, Lacan, Édipo, menino, menina, criança, mãe.

Copyright © 2017.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



ESTÁDIO DO ESPELHO

Antes mesmo da estruturação do “Eu” na criança, ela passa por uma fase chamada *estádio do espelho*. “O ‘estádio do espelho’ ordena-se essencialmente a partir de uma experiência de identificação fundamental, durante a qual a criança faz a conquista da imagem de seu próprio corpo.” (DOR, 1989, p. 79)

A essa vivência chamamos de *identificação primordial*, a criança identifica-se com sua imagem e estrutura seu “Eu”. O que precede esse acontecimento psíquico infantil, Lacan nomeia de *fantasma do corpo esfacelado*. “De fato, antes do estágio do espelho, a criança não experimenta inicialmente seu corpo como uma totalidade unificada, mas como alguma coisa dispersa.” (DOR, 1989, p. 79)

Durante o estágio do espelho, que se divide em três tempos, que compreende dos primeiros 6 meses aos 2 anos e meio de vida, a criança irá lentamente se dando conta da totalidade da imagem de seu corpo. Para Dor (1989, p. 79) “este primeiro tempo da experiência testemunha em favor de uma confusão *primeira entre si e o outro*”.

Todo esse primeiro tempo do estágio do espelho mostra que a criança está estruturando seu *imaginário* e o tempo momento é a etapa que constitui a *identificação*. Agora ela já sabe que o outro no espelho é uma imagem refletida, portanto para Dor (1989, p. 79) “no geral seu comportamento indica que ela sabe, de agora em diante, distinguir a *imagem* do outro da *realidade* do outro.”

No terceiro tempo Dor (1989, p. 80) afirma:

O terceiro momento dialetiza as duas etapas precedentes, não somente porque a criança está segura de que o reflexo do espelho é uma imagem, mas, sobretudo, porque adquire a convicção de que não é nada mais que uma imagem, e que é a dela.

Portanto, a criança troca a imagem que tinha de um corpo esfacelado, por uma de um corpo com sua totalidade unificada. Para Dor (1989, p.80) “A imagem do corpo é, portanto, estruturante para a identidade do sujeito, que através dela realiza assim sua *identificação primordial*.”

Concluindo, o estágio do espelho é a conquista da identidade, a criança já sabe diferenciar si mesma do outro, realizando, assim, uma “pré-formação” do “Eu (Je)”.

COMPLEXO DE ÉDIPO

Primeiro Momento do Édipo

“A o sair da fase identificatória do estágio do espelho, a criança, em quem já se esboça um sujeito, nem por isso deixa de estar numa relação de indistinção quase fusional com a mãe.” (DOR, 1989, pp. 80-81)

Isso significa dizer que a criança ainda não constituiu completamente um sujeito e ainda é muito dependente da mãe. Segundo Dor (1989, p. 81) “buscando identificar-se com o que supõe ser o objeto de seu desejo.”

Isso ocorre a partir da satisfação das primeiras necessidades infantis, a criança busca ser o objeto de desejo da mãe. Esses cuidados que a mãe tem com seu filho, faz com que ele queira ser o objeto do que é suposto faltar na mãe, o falo. “Como observa Lacan, no primeiro tempo do Édipo o desejo da criança permanece radicalmente assujeitado ao desejo da mãe”. (DOR, 1989, p. 81)

Neste primeiro momento do Édipo tudo se passa no fato de que a criança não acredita na castração. Portanto, só existe relação fusional da criança com a mãe, porque parece não haver um terceiro para ser o mediador da identificação fálica da criança com sua progenitora.

Dor (1989, p. 81) afirma que: “por mais que a instância mediadora (o Pai) seja aqui considerada estranha à relação mãe-criança, é a própria dimensão da identificação fálica da criança nessa relação que a pressupõe.”

Podemos afirmar, portanto, que a identificação com o objeto fálico que faz a mediação da castração ser evitada, reforça ainda mais a indecisão dialética entre ser ou não ser o falo.

“O surgimento de tal indecisão anuncia o segundo tempo do complexo de Édipo, no qual a criança é incontornavelmente introduzida no registro da castração pela intrusão da dimensão paterna.” (DOR, 1989, p. 81)

Ao longo da fundação do Édipo na criança, pode ocorrer a fixação em um ponto de equilíbrio instável, isso é, pode ocorrer uma instabilidade no ser ou não ser o falo. A suspensão desta questão, a de ser ou não ser o falo, leva a um favorecimento à identificações perversas. Isso eterniza uma indecisão no que tange à castração, por mínimo que seja o entendimento equivocado sobre o papel da função simbólica do pai.

Portanto, para Dor (1989, p. 81) “a identificação perversa coloca, em negativo, a dupla mas solidária questão da privação materna de seu objeto fálico do desligamento da criança de sua identificação com um tal objeto.”

Segundo Momento do Édipo

Nesse momento, a intrusão paterna irá ser muito importante na relação mãe-criança-falo. O pai trará a privação, aquele que priva a mãe do objeto fálico de seu desejo.

A intromissão da presença do pai é encarada pela criança como interdição e frustração. Aqui o pai é um importunador pelo que interdita, a satisfação do impulso, portanto, como a mãe é do pai e não da criança, ele frustra a criança da mãe.

Segundo Dor (1989, p. 83)

Dito de outra forma, a intrusão paterna na relação mãe-criança-falo se manifesta em registros aparentemente ente distintos: a *interdição*, a *frustração* e a *privação*. A coisa complica-se ainda mais quando se revela que a ação conjugada do *pai*, simultaneamente *interditor*, *frustrador*, *privador*, tende a catalisar sua função fundamental de pai *castrador*.

A Falta do Objeto

Antes de prosseguirmos, é importante falar da falta do objeto. Há três formas que a falta do objeto pode se manifestar, podendo ocorrer isso em crianças ou adultos, são elas: frustração, privação e castração. Entretanto, ainda que em todos esses casos estejamos falando de falta do objeto, existem maneiras diferentes que isso ocorre, em cada caso e o tipo de objeto.

“A *frustração* é o âmbito por excelência da reivindicação, com a ressalva de que neste caso nenhuma possibilidade de satisfação pode ser encontrada. Com efeito, na frustração, a falta é um *dano imaginário* (DOR, 1989, p. 83).” Em compensação o objeto da frustração é totalmente real. O protótipo desse objeto seria o pênis onde, na menina, sua ausência é seu motivo de frustração.

“Num sentido mais geral, a criança vive a ausência de pênis na mãe como uma frustração.” (DOR, 1989, p. 83)

No que tange à privação, a falta é que é real, a falta de objeto deixa um buraco no real. Entretanto, o objeto da privação é um objeto simbólico.

Sobre a castração, sua falta é simbólica, porque remete a interdição do incesto, que é a referência simbólica por excelência. “É por isso que a função paterna é operatória, determinando, para a criança, seu próprio acesso ao simbólico.” (DOR, 1989, p. 83).

A falta significada pela castração é uma dívida simbólica. Porém o objeto faltante é imaginário, o falo.

Resumindo, como explica-nos Dor (1989, p. 84), segue:

“— a castração é falta simbólica de um objeto imaginário,
— a frustração é a falta imaginária de um objeto real,
— a privação é a falta real de um objeto simbólico.”

No segundo momento do Édipo, a criança encontra a lei paterna, que se confronta com a castração que a interpela através da dialética do ter, cujo sua mãe encontra-se dependente daqui em diante. Por isso, o segundo momento do Édipo é indispensável que a criança experiencie para aceder à simbolização da lei, marcando o declínio do complexo de Édipo.

Segundo afirma Dor (1989 p. 87)

[...] a criança é, de agora em diante, forçada pela função paterna a aceitar, não somente não ser o falo, mas também não tê-lo, assim com o a mãe, dando-se conta de que ela o deseja lá onde ele é suposto estar e onde torna-se, então, possível tê-lo.

Terceiro Momento do Édipo

O terceiro momento é onde ocorre o declínio da fase do Édipo, dá fim à rivalidade fálica em torno da mãe, a qual a criança instalou-se e instalou, imaginariamente, seu pai.

Dor (1989, p. 88) afirma:

O tempo fundamental desta etapa é marcado pela *simbolização da lei*, que atesta da melhor forma que a criança recebeu sua plena significação. O valor estruturante desta simbolização reside, para ela, na determinação do lugar exato do desejo da mãe.

A dialética do ter leva ao jogo das identificações. Dependendo do sexo da criança, ela se inscreverá diferentemente na lógica identificatória mobilizada pelo jogo fálico. O menino, que renuncia a ser o falo materno, engaja-se na dialética do ter, identificando-se com o pai que supostamente tem o falo. A menina pode igualmente subtrair-se à posição de objeto do desejo da mãe e deparar-se com a dialética do ter sob a forma do não ter. Ela encontra, assim, um a identificação possível na mãe.

A reposição do falo em seu devido lugar é estruturante para a criança, seja qual for seu sexo, a partir do momento em que o pai, que supostamente

o tem, tem preferência junto à mãe. É a prova mais manifesta da **instalação do processo da metáfora paterna** e do mecanismo intrapsíquico que lhe é correlativo: o *recalque originário*.

CONCLUSÃO

Sobre o processo Edipiano, o mais importante, é o estabelecimento da falta. “Renunciamos à mãe para criar uma zona de vazio que, mais tarde, possa ser ocupada por outros objetos. Nossa libido fica mais ou menos exilada de nosso corpo e ligada ao sinal da ausência.” (LEADER, 2013, p. 50)

Leader (2013) destaca que o complexo de Édipo realiza, primeiramente, a introdução à significação, ligando a questão do desejo da mãe a uma resposta: o pai e o falo. Segundo, localiza a libido, a intensidade de nossos apegos e interesses sexuais, fazendo da imagem proibida da mãe o horizonte do desejo sexual. Terceiro, permite-nos situar a nós mesmos em relação ao Outro, encontrar uma distância segura e passar para um outro espaço em que não existamos simplesmente nós e ela.

BIBLIOGRAFIA

DOR, Joël. Introdução à leitura de Lacan: O inconsciente estruturado como linguagem. tradução Carlos Eduardo Reis; supervisão e revisão técnica da tradução Cláudia Corbisier. Porto Alegre: Artmed, 1989.

LEADER, Darian. O que é loucura?: Delírio e sanidade na vida cotidiana. tradução Vera Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.